Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

10 ANNO | 1 DE JULHO DE 1887 | VOLUME X — N.º 307

JUBILEU DA RAINHA VICTORIA

SUA MAGESTADE A RAINHA VICTORIA

(Segundo uma photographia de Walery, de Londres, expressamente enviada ao Occidente)

CHRONICA OCCIDENTAL

Terminámos a nossa ultima chronica por uma tristissima noticia e voltamos ainda hoje a ella: —a morte de Augusto Neuparth.

Essa lugubre noticia surprehendeu-nos quando viamos as provas da chronica, e por isso apenas nos limitámos a registal-a, á ultima hora como um acontecimento doloroso que vinha enlutar de subito a arte portugueza.

Dias antes tinhamos estado ainda com Augusto Neuparth, de quem ha dois annos tinhamos a honra de ser collega no conservatorio, onde a sua morte tão chorada foi e tão grande falta faz, e nada fazia prever o eminente e terrivel desenlace da doença, que ha tempos o trazia um pouco acabrunhado, e que, exacerbando-se alguma coisa n'estes ultimos dias, o obrigára momentos antes de fallarmos com elle, a resignar o cargo de delegado do conservatorio ao conselho superior de instrucção publica, para que os seus collegas o tinham novamente eleito.

—Sinto-me adoentado, dissera-me elle.

—Mas então o que tem?

—Perturbações na vista muito a miudo, tonturas de cabeça, uma especie de desfallecimentos: umas esquesitices. Estomago, estomago... respondeu-nos elle, sem ligar grande importancia aos incommodos que soffria e attribuindo-os ingenuamente a uma dyspepsia.

E estivemos conversando um longo bocado a respeito dos remedios que tinha já feito, dos resultados que tivera, com toda a insistencia aprasivel com que um doente qualquer falla sempre na doença que o afflige.

—E não sae de Lisboa? não passeia por ahi fóra a tomar aguas, a tomar ar, sobre tudo ar, que é no fim de contas o que ha de melhor para essas doenças de estomago? perguntámos-lhe nós, com a nossa longa experiencia de dyspeptico.

—Vou, vou, faço tenção de pedir uma licença de um mez e ir por ahi acima até ao Minho, até ao Bom Jesus e até a Galliza talvez... Tinha vontade d'ir a Vigo.

E muito contente com a sua projectada viagem esteve-nos fallando n'ella municiosamente, contando-nos os seus projectos: nós estivemos-lhe dando os nossos conselhos de *touriste* formado n'esses bellos passeios, encarecendo-lhe o Bom Jesus, como sitio, como agua e como hotel; fallando-lhe muito do Gomes, o dono do grande Hotel do Elevador, esse hospedeiro unico que ha em todo Portugal, fallando-lhe em Vigo no nosso consul lá, o sr. Soares Cardoso, um homem amabilissimo, para quem lhe offerecemos uma apresentação.

Depois separamo-nos. Elle seguiu o seu caminho, eu o meu e foi enorme o espanto que senti, a dôr que me pungiu d'ali a dias quando ao entrar na secretaria do reino, Francisco Palha me disse:

—Sabe quem morreu?

—Não.

—O Neuparth.

Corri a casa d'elle.

A noticia era terrivelmente verdadeira, como o são sempre as noticias más.

N'essa manhã, ás 8 horas e meia, aquelle grande artista, aquelle excellente homem, succumbira a uma congestão cerebral, que na vespera o prostrára aniquilado e inconsciente no leito, d'onde foram impotentes, para o fazer levantar, todos os esforços da sciencia.

Depois do nosso encontro, que mal suspeitava seria o derradeiro, Neuparth estivera em Cintra uns dias.

Os seus padecimentos iam aggravando-se gradualmente: todos aquelles incommodos que elle attribuia a um mal d'estomago, e que tinham causa muito mais grave e séria, n'uma degeneração de sangue, foram augmentando, aquelles deliquios, que elle julgava symptomas d'uma dyspepsia, eram pequenas congestões, lugubres batedores da congestão fatal que dentro em breve o havia de matar.

A noticia da morte de Neuparth espalhando-se por Lisboa causou profunda surpreza e enorme consternação.

Muito conhecido de toda a gente pelos diversos cargos que occupava, ha longos annos, Neuparth era por toda a gente estimado pelo seu grande caracter, pela enorme sympathia que d'elle irradiava.

Ha uns homens excellentes que são pouco abordaveis, que não captivam á primeira vista, e que precisam ser intimamente tratados para serem apreciados devidamente; ha outros homens que teem o dom da sympathia, que inspiram logo grande estima, mas estima, que á proporção que vão sendo conhecidos vae diminuindo consideravelmente; com Augusto Neuparth não acontecia isso: a sua physionomia franca, sympathica, boa, fazia logo amigos d'aquelles que pela primeira vez o conheciam e á medida que mais se conhecia o homem, mais estimavel elle era: a sympathia passava rapidamente a ser funda amisade.

É que não ha no mundo muitos caracteres como o de Neuparth.

Morreu sem ter um inimigo: e não é porque não tivesse muito merito, muito talento, muito altas qualidades d'espirito para adquirir inimisades: é que tinha muito altas qualidades de coração para que elles podessem vingar.

Falleceu com 59 annos d'edade e os seus amigos mais antigos, aquelles que com elle viviam mais de perto, nunca o viram zangado, senão uma vez... e em allemão. N'outra lingua parece que não sabia zangar-se.

Comprehende-se portanto facilmente a dôr pungente que causa vêr um homem d'estes desapparecer para sempre na noite eterna do tumulo.

Calcula-se a falta enorme que esse homem faz á sua familia, aos seus amigos, áquelles que com elle mais particularmente viviam, agora o que não é facil de calcular, a quem não sabe a alta importancia que Augusto Neuparth tinha no mundo musical, é a falta colossal que elle faz na arte portugueza.

Pelo seu bello talento e pelo seu bello caracter, pela auctoridade que aureolava o seu nome artistico, pelo respeito que inspirava o seu caracter pessoal, Augusto Neuparth occupava entre os musicos portuguezes, nas suas relações intimas de classe, um logar proeminente, que por muito tempo vae ficar vago.

N'um bello discurso que no cemiterio dos Prazeres, sobre o caixão de Neuparth, pronunciou commovidissimo Luiz Augusto Palmeirim, o illustre director do conservatorio Real de Lisboa, alludiu eloquentemente á sua falta insubstituivel, esboçou a traços rapidos a situação unica que na musica portugueza occupava o grande artista, que alli descia ao tumulo, acompanhado por um enorme cortejo d'amigos saudosos, emquanto as notas plangentes da marcha funebre de Chopin soluçavam elegias desoladas por entre as ramarias dos negros cyprestes, doirados frouxamente pela luz pallida do sol, que desapparecia ao longe...

No proximo numero publicará o OCCIDENTE o retrato d'este eminente artista, acompanhando-o um artigo biographico, escripto por quem muito de perto o conheceu e poude apreciar o seu excepcional merito e raras qualidades de grande artista.

Prestando assim a devida homenagem da nossa profunda estima e da nossa pungente saudade, ao illustre artista que perdemos, historiemos rapidamente a vida lisboeta durante estes dez dias do mez de junho, do mez dos dias santos e das festas populares.

N'estes dias, Lisboa, o que tem feito mais é ir para fóra da terra e dançar.

Todas as semanas tem sido cortadas por um ou por dois dias santos, dias de folga que os mais abastados aproveitam indo por ahi fóra ensaiar as vilegiaturas que se aproximam, que os menos ricos gosam dando á perna nos bailes campestres, que se vão alastrando enormemente por toda a cidade.

N'estes mezes de verão, a classe popular desforra-se da alta sociedade, dansando por ahi regaladamente em todos os pateos e quintaes ao ar livre, e as damas opulentas, as meninas aristocratas, hão de ter sua invejasinha das pobres costureiras, que emquanto ellas passam as noites abafadas da *morte saison*, nos seus palacios insipidos, valsam alegremente n'esses bailaricos populares.

Ainda assim n'este mez valeu-lhes a ellas, ás damas do nosso *grand monde*, o jubileu da rainha de Inglaterra.

Para solemnisar tambem em Lisboa esse anniversario que com tão extraordinarias e sumptuosas festas foi celebrado em Londres, o sr. Peter, o ministro de sua magestade britannica na nossa côrte, deu um esplendido baile, que para ter todo o apparato d'uma festa verdadeiramente real, até teve a presença de suas magestades El-rei e a Rainha e a dos srs. infantes D. Affonso e D. Augusto.

O palacio do ministro brilhantemente illuminado, produzia um magnifico effeito visto do Tejo: a concorrencia á festa foi enorme; e o baile no dizer de todos que a elle assistiram, distinguira-se entre os mais deslumbrantes e sumptuosos que de ha muito se tem dado em Lisboa.

Mas, acabado o baile, fechadas as portas da legação ingleza, a alta sociedade de Lisboa recahiu na colossal insipidez que paira sempre sobre a nossa cidade n'estes mezes de verão, e que pelas rasões que apontamos na nossa ultima chronica é ainda este anno agravada, pela completa ausencia de diversões e espectaculos.

Fez no dia 10 d'este mez que está a findar, sete annos que Lisboa presenceou um espectaculo grandioso e unico na sua historia—as festas maravilhosas do tri-centenario de Camões.

Solemnisando essa data brilhante, o distincto poeta portuense e nosso presado amigo o sr. Joaquim de Araujo publicou, em formosa edição, um delicioso poemeto intitulado *Luiz de Camões*.

Em dezesete sonetos delicadamente cinzelados como obra prima feita pelo mais habil artista da Renascença, Joaquim d'Araujo esculpe no marmore da sua bella poesia radiante e poderosa todos os traços principaes da vida do grande cantor das glorias lusitanas.

Esses dezesete sonetos são dezesete joias do mais fino lavor, dezesete pequeninas obras primas que são mais uma prova eloquente do brilhante talento do illustre poeta portuense.

Iamos agora a fallar de livros mas falta-nos o espaço: temos aqui ao nosso lado a biographia d'um grande poeta—*João de Deus*, feita por um escriptor muito distincto o sr. Reis Damaso, e publicada pelos acreditados editores portuenses Alcino Aranha & C.ª: a traducção do *Hamlet* por José Antonio de Freitas, com o seu estudo critico, que tantas discussões tem levantado; a memoria do sr. Carlos Barreiros, o illustre inspector dos incendios, ácerca do incendio da travessa da Palha, que é interessantissimo pelo seu assumpto, e pela maneira notavel como está feita: temos a Cinesiologia, ou a sciencia do movimento, do sr. Paulo Lauret, director do Gymnasio portuense a que deu o seu appelido, e ainda outros livros de que daremos conta, apenas os acontecimentos nos dêem espaço.

Gervasio Lobato.

A RAINHA VICTORIA

Não lhe fazemos a biographia, nem vale a pena. Não tencionamos contar quaesquer episodios da sua vida intima; são indifferentes. A rainha Victoria não é uma senhora, é uma instituição. Agora que a festa do jubileu chamou para ella as attenções de um modo tão notavel, nenhum dos jornalistas, apezar da febre de *reportage*, julgou que valesse a pena colhêr pormenores, ácerca das suas predilecções, do seu modo de viver e das suas tendencias. Victoria é a rainha, a *queen*, nada mais. Representa a inamovibilidade das instituições britannicas, e representa-as bem porque parece tambem inamovivel. O inglez tenaz, afferrado aos seus habitos, pouco propenso a mudal-os, tem uma grande sympathia pela rainha que foi tão amavel com o seu povo que resolveu conservar-se firme como uma estatua no seu posto. A rainha Victoria é uma sentinella, uma sentinella britannica, inabalavel, ha cincoenta annos nas suas guaritas de Osborne, Windsor e Balmoral. No seu imperturbavel afferro á existencia representa por tal fórma a tenacidade ingleza, que os seus subditos adoram-n'a como um symbolo. Se lhes disserem que a rainha Victoria provavelmente ha de morrer como todas as rainhas e como todas as Victorias, espantal-os-hão sinceramente. A rainha Victoria é incapaz de fazer essa partida ao seu povo, a partida de partir para o outro mundo. Seria mesmo um caso completamente imprevisto.

A perturbação que a morte da rainha Victoria produziria na Inglaterra é incalculavel. Nem nos atrevemos a suppôr sequer como é que a Inglaterra poderá atravessar essa crise. Ha cincoenta annos que os inglezes se habituaram a cantar, cheios de enthusiasmo concentrado, este hymno monotono e cabeçudo como um quadrado de Waterloo diante dos couraceiros de Ney: *God*

save the queen. Foi entoando em voz baixa o *God save the queen* que em Balaklava os dragões e os hussards de lord Cardigan, ao ouvirem o seu chefe bradar: *Forward the last of the Cardigan*, se arrojaram intrepidamente para cima das baterias russas, foi entoando o *God save the queen* que a guarnição de Lucknow manteve a sua heroica resistencia e que os soldados de Robert Napier treparam ao planalto da Abyssinia; que as tropas de Garnet Wolseley penetraram nas ruas de cubatas de Coomasie; é emfim entoando com voz lugubre e monotona o *God save the queen* que tantos fieis subditos de S. M. apanham por esse mundo de Christo tantas camoecas patrioticas. E ha cincoenta annos que isto succede!

Ora imaginem o que resultará do funesto acontecimento que obrigue os inglezes a deixarem de cantar *God save the queen* para passarem a cantar *God save the king!* É caso para produzir um abalo medonho na solidez da monarchia britannica. Se os russos aproveitam o ensejo para tomarem conta do Afghanistan, se aproveitam a occasião em que os inglezes já não podem cantar *God save the queen*, e ainda não sabem cantar *God save the king*, a Inglaterra está perdida.

Acontece o mesmo com relação á potencia monetaria da Inglaterra. O mundo está por tal fórma costumado a ver nas libras a imagem da rainha Victoria, que não acceitará de certo com igual confiança as rodelas de oiro onde apparecerem as barbas do actual principe de Galles. Pois não acontece hoje com as libras de Jorge IV o phenomeno de não serem tomadas muito a serio? São libras de cavallinho, é o que se diz, são uma especie de curiosidade archeologica, mas não inspiram o amor que em todas as almas desperta a imagem serena de Victoria Queen.

A rainha Victoria tem ou não tem sympathias pessoaes, é isso completamente indifferente mas o que ella tem é a condensação do amor que todo o bom inglez consagra á sua patria. Tem-se dito que a França—e este dito é conceituosissimo—que a França é uma franceza. Pois póde dizer-se com egual verdade que a Inglaterra é um inglez. A França ama portanto como as francezas os homens deslumbrantes e fascinadores, os parlapatões sonoros, os hussards como Murat que fazem scintillar ao sol das batalhas e ao sol das revistas as douraduras dos seus dolmans e o aço das suas espadas, os Corsos violentos que a violam como Bonaparte, os oradores vehementes que a subjugam com a energia ardente da sua palavra como Gambetta ou os que a magnetisam com o fluido magico da sua eloquencia como Lamartine. A Inglaterra como os inglezes ama sobre tudo a casta matrona que representa a familia, o paiz, a patria, por cuja honra, por cuja prosperidade elles pelejam nos climas mais distantes, e tudo isto se resume na palavra adoravel que só ha em inglez, essa palavra que significa a um tempo a casa, a patria, o lar, a familia, todos os intimos affectos e todas as doces tradições, todo o conchego da vida physica, e toda a dignidade da vida moral, o *home*, o *sewet home* que se personalisa admiravelmente n'essa casta, pacifica e um pouco burgueza matrona, n'essa esposa dedicada, n'essa viuva austera, n'essa mãe exemplar que se chama a *rainha Victoria.*

Porque quiz ser ella imperatriz das Indias? Não foi ella. A rainha Victoria não tem ambições. Mas a rainha Victoria como simples rainha, não representava já completamente a vasta monarchia ingleza. Essa monarchia divide-se hoje na *Great-Britain*—a Grã-Bretanha—que é a patria européa e na *Greater Britain*, ou *Bretanha Maior*, que é a expansão do poder britannico. A rainha Victoria, como rainha, representa perfeitamente a *Great Britain*, era necessario aos olhos do mundo que fosse imperatriz para representar dignamente a *Greater Britain.* Mas é imperatriz para o exterior, para a apparencia; para os seus subditos continúa a ser a rainha e só a rainha Victoria. Porque é como rainha que ella representa a patria ingleza, é como rainha que ella representa a familia distante. Curvem-se pois os rajahs e os nababos diante da grandiosa imperatriz; os inglezes esses, ao levantarem solemnemente o copo dos *toasts* patrioticos, n'esta festa tão profundamente nacional do jubileu da rainha Victoria, é a rainha que saúdam, é só a rainha que acclamam. Não é *God save the Empress* que as suas musicas entoam é, o hymno nacional *God save the queen!*

Pinheiro Chagas.

O VISCONDE DE JUROMENHA

I

Estou em frente do retrato de um dos homens de lettras mais laboriosos, mais conspicuos e sympathicos, que tenho conhecido; e como sou convidado a escrever da sua vida e das suas obras, posto que resumidamente, e, confesso-o, esta é a terceira vez que o faço em obediencia a indeclinaveis e gratos preceitos, começarei por dar um traço do seu caracter litterario.

Uma das feições proeminentes, que jámais se apagaram n'este venerando escriptor, foi a da curiosidade, não a frivola, futil, e reprehensivel, que gera maus pensamentos e más obras; mas a grave, pautada e seria, que leva ás mais cordatas e proveitosas investigações, que é como o rasto de luz em escuras veredas.

Como se verá mais adeante, o visconde de Juromenha não perdia nenhuma occasião de satisfazer esse desejo de averiguar e saber; e, embora concentrado e modesto, tambem gostava de conhecer pessoalmente os seus collegas nas lettras.

Ninguem se lhe aproximava, que não ficasse captivo da sua bonhomia. O seu modo lhano, o seu olhar vivo, denotando grande vigor intellectual; a sua conversação animada e erudita, eram de prender todos.

Conhecia-o, mas não tinha estabelecido relações com elle. As minhas relações pessoaes, não direi de intimidade, mas respeitosas e affectuosas, e da minha parte da maxima veneração para um homem tão exemplarmente trabalhador, como era o visconde, firmaram-se em um devaneio litterario meu e em uma curiosidade d'elle.

Na vida jornalistica, de todos os dias, escrevem-se banalidades, semsaborias e uma ou outra vez cousas acertadas, e conceituosas; porém, como correm anonymas, ninguem acerta com quem escreveu ou o mau, ou o soffrivel, ou o razoavel. Os artigos anonymos, quando succede terem algum lado favoravel, passam d'este modo rapidos, como meteoros de pouco volume e de pequeno raio luminoso, cujo esplendor não deslumbra, e não se pensa mais n'elles.

Já duas vezes, não para fugir á responsabilidade moral, o que não fiz nunca, mas para ter o capricho acaso pueril de poder entrar em concorrencia de apreciação de meus rabiscos, e ouvir os Aristarchos que não soubessem que fallavam deante do auctor, dei á publicidade sob o pseudonymo de *Obscuro-jornalista* um livrinho baseado em documentos historicos por occasião do centenario do celebre marquez de Pombal; e muito antes d'isso dois folhetins criticos, em que pretendia analysar e contradictar o que um escriptor hespanhol, aliás afamado, dissera ácerca de Francisco de Hollanda.

O ultimo escripto, isto é os folhetins, sairam no *Diario de Noticias.* Dois homens de lettras, ambos de merito e ambos fallecidos, o marquez de Sousa Holstein e o visconde de Juromenha, foram ao escriptorio d'aquella popular folha, cuja extraordinaria publicidade é bem conhecida, indagar quem era o auctor.

Não se pense que ponho isto para lavrar memoria de algum facto litterario, que firmasse o credito de alguem. Não sou dado a taes immodestias, e sou avesso a ruidos banaes.

Os dois eram ali attrahidos para matar a curiosidade e saber se teriam pessoa com quem contassem nas suas averiguações artisticas e com quem conversassem em assumpto de sua tão especial predilecção. Illudir-se-hiam, de certo.

Foi assim que estabeleci relações com o illustre visconde de Juromenha.

Tratemos da sua vida.

II

O visconde de Juromenha, João Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, nasceu em Lisboa a 25 de maio de 1807, e era filho do primeiro visconde do mesmo titulo, o tenente general Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, e de sua mulher D. Maria da Luz Willougby da Silveira.

Além da nobreza herdada, que vinha de longe, pois data do meado do seculo XIV, seu pae adquirira fama no serviço militar e politico, figurando com a expedição portugueza na campanha de Montevideo, e depois em varias commissões militares e diplomaticas, de alguma das quaes deixou notas interessantes e que supponho ficaram ineditas. Por occasião da retirada da familia real para o Brazil, o general Lacerda foi recommendado em Lisboa e parece que viveu intimamente com o general Beresford. Quando menos, eu já vi documentos que me provam que elle tinha a inteira confiança do chefe britannico. Beresford não daria ao general Lacerda encargos confidenciaes e melindrosos, se não contasse com a sua intelligencia e a sua lealdade.

Ao regressar a côrte a Lisboa, e dados os successos politicos que prepararam a queda da constituição de 1820 e subsequentemente os factos que enchem os annaes historicos de Portugal de 1823 a 1828, o general Lacerda ficou ao lado do partido adversario ao movimento liberal pelo qual luctavam o imperador D. Pedro IV e os seus amigos.

N'esses principios iniciou seu filho, que elle amava com extremo; e sob taes idéas, que constituiam o seu credo politico, dirigiu desde todo o principio a educação d'elle. O segundo visconde de Juromenha recebeu, portanto, o primeiro ensino no collegio dos Inglezinhos (seminario irlandez de S. Pedro e S. Paulo), passou depois para o Collegio dos Nobres e d'ahi para Coimbra, fazendo exame de francez, inglez, latinidade e grego. Quando ia a entrar nos cursos de mathematica e philosophia, na universidade, rebentou a guerra civil de 1828.

Interrompidos os estudos, sempre, então gravemente enfermo, ordenou-lhe que regressasse a Lisboa, e tomasse assento no logar que lhe competia, no ramo da nobreza, na reunião dos tres estados do reino para a affirmação da nova ordem de cousas publicas, que dividia a nação em dois partidos irreconciliaveis.

(Continua) *Brito Aranha.*

AS NOSSAS GRAVURAS

PROCISSÃO DOS TABOLEIROS, EM THOMAR

Não se sabe ao certo a origem d'esta festividade profano-religiosa, cheia de originalidade e sem duvida uma das mais populares do paiz.

Suppõe-se que vêem dos tempos medievaes e é celebrada annualmente em Thomar, tornando-se para os thomarenses a sua festa mais sympathica e predilecta, não só pelo lado artistico e pittoresco, mas tambem pelo fim mais ou menos altruista.

Os preliminares da festa dos *Taboleiros* duram não menos de tres mezes. Todos os annos, ao terminar a festividade, fica logo nomeada uma commissão que a hade levar a effeito no anno seguinte.

Chegado o domingo de Paschoa sae esta commissão, com a bandeira do Espirito Santo e tres coroas grandes de prata—cuja significação egualmente se desconhece—levadas cada uma, por um *mordomo*, á frente uma phylarmonica, e assim percorre as ruas principaes da cidade, indo por fim assistir á missa a uma das egrejas.

O mesmo se pratica nos domingos immediatos até o dia da festa; n'esses mesmos domingos de tarde, vae a commissão de porta em porta, sempre acompanhada de musica, fazer o peditorio de esmolas e de *taboleiros.* É raro o thomarense que se nega a concorrer para a festa.

O nome de taboleiro, dado aos cargos, levados pelas raparigas na procissão, é completamente improprio, pois que estes nada se parecem com o significado d'aquella palavra, como póde ver-se pelo desenho. Teem a fórma cylindrica ou ligeiramente conica e são constituidos por um cesto de verga redondo e pouco alto, forrado por uma toalha de renda, tendo em toda a circumferencia umas canas delgadas, dispostas verticalmente e de altura de mais de um metro; n'estas canas são espetados pães de trigo, de maneira a formar columnas, e os espaços comprehendidos entre estas são cheios de flores. O taboleiro remata em corôa ou termina por bandeiras e flammulas de variadas côres.

É a população da cidade e arredores que offerece os taboleiros, e estes são levados no cortejo por guapas moças, vistosamente vestidas. Cada uma d'ellas é acompanhada pelo namorado ou por qualquer parente, para a ajudar ao cargo ou para accudir a qualquer accidente occorrido durante o trajecto.

A ordem da procissão é: Á frente a musica, succedendo-lhe logo a bandeira e corôas, em seguida as moças com os taboleiros, fechando o prestito dois carros de fórma elegante e capri-

chosa, conduzindo, cada um, uma criança vestida de anjo.

Esta festa attrae todos os annos a Thomar um grande numero de visitantes e com bem justificado motivo. Na verdade, os que pela primeira vez a presenceiam, não podem deixar de impressionar-se agradavelmente, com aquelle alegre conjuncto e principalmente com o aspecto garrido e gracioso das raparigas, em numero de duzentas, pouco mais ou menos, formadas a tres de fundo, conduzindo os seus vistosos cargos, perfeitamente alinhados e em passo um tanto apressado.

O cortejo, depois de percorrer as ruas principaes da cidade, dirige-se á egreja matriz, em cujo atrio é benzido o pão, e d'alli segue para uma casa armada em capella, onde são guardados os taboleiros, depois de desarmados. No dia seguinte é distribuido, ao som de musicas e foguetes, pelas pessoas que concorreram para a festa, pelos pobres e pelos presos, o pão, e bem assim a carne de sete bois abatidos expressamente para aquelle fim. Ao terceiro dia (domingo) realisa-se a ceremonia religiosa, que consta de missa cantada e sermão.

Durante os tres dias de festa, ha bazar de prendas, offerecidas pelas senhoras da terra, e á noite illuminações e musica.

Eis, a traços largos, a festa mais caracteristica de Thomar. Como se vê, é, por muitos respeitos, uma festa sympathica.

VISCONDE DE JUROMENHA—FALLECIDO EM 29 DE MAIO DE 1887
(Segundo uma photographia)

QUARTEL DA POLICIA, EM MACAU

O governo do sr. visconde de S. Januario, na India, foi assignalado por muitos feitos importantes, quer como militar e diplomata subjugando as revoltas e pacificando o estado de excitação em que se achava a provincia, quando para alli foi, em 1870, quer como administrador da fazenda publica que organisou e gerio acertadamente.

Ao seu governo da India, seguiu-se o governo de Macau, e aqui continuou a sua magnifica administração.

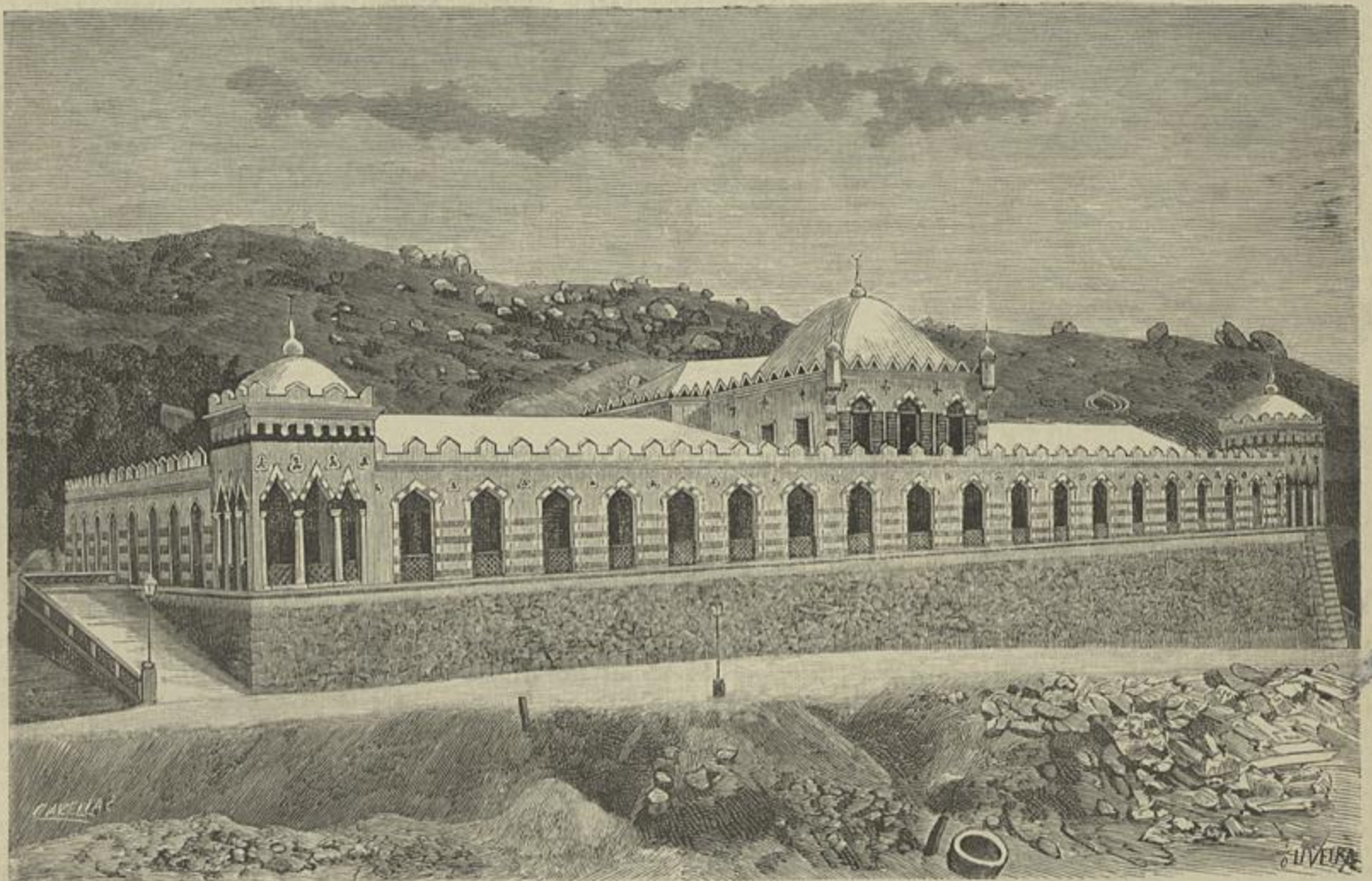
As obras publicas mereceram-lhe especial attenção, e entre os edificios importantes com que dotou Macau, conta-se o quartel da policia que a nossa gravura representa.

É uma magnifica construcção, no estylo oriental, que se impõe agradavelmente, pela sua grandeza e architectura.

Ao aspecto exterior corresponde a boa disposição interior, podendo accommodar um batalhão regular com as commodidades precisas.

Está construido em ponto elevado dominando a cidade, e avistando-se de muitos pontos.

PELOURINHO DE CINTRA

Pouco a pouco temos colleccionado no OCCIDENTE os desenhos de pelourinhos que ainda se encontram em algu-

QUARTEL DA POLICIA, EM MACAU (Segundo uma photographia)

mas cidades e villas do nosso paiz, que tem escapado ao camartello municicipal, havendo alguns muito elegantes e outros muito curiosos pela forma.

O que publicamos hoje reproduz o que ainda se vê na praça principal de Cintra, logo á entrada da villa, em frente do palacio real.

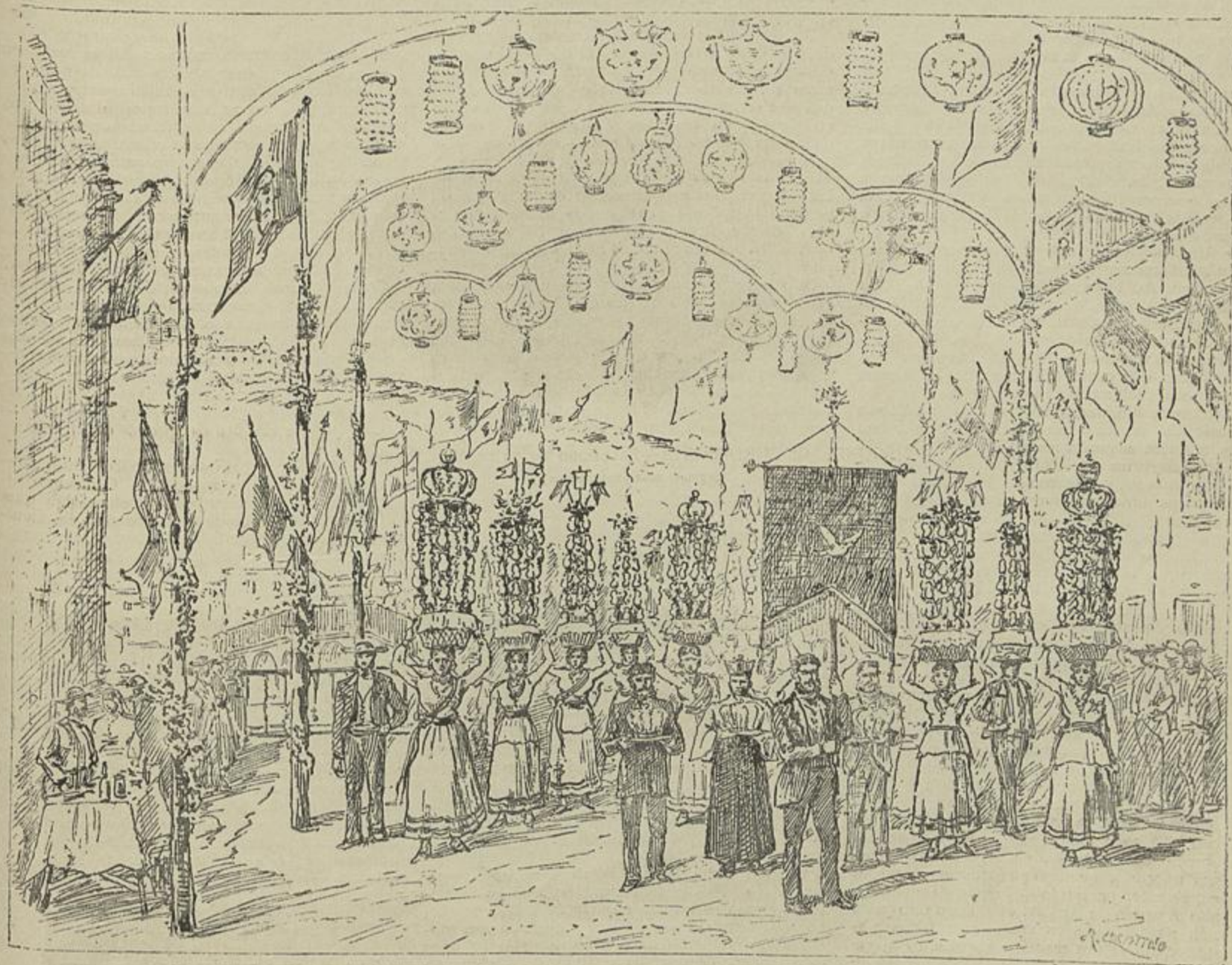
É uma bonita columna torcida rematada por um agrupamento de folhas, tudo muito bem trabalhado na pedra, parecendo obra do tempo de el-rei D. Manuel.

Este pelourinho foi ha annos modificado na base, sendo substituidos os degr[illegible] um tanque que se construiu em volta, dando-lhe assim o aspecto de uma fonte elegante.

antiga pasta da fazenda. Ministro da guerra era o conde de Torres Novas, o intrepido general Cesar de Vasconcellos, mas a morte veiu fulminal-o. A 22 de novembro de 1865 foi chamado a exercer esse importante cargo um simples official de estado maior, homem de verdadeiro talento e de grande futuro, Salvador Pinto da França. Pouco tempo esteve no ministerio. Veiu tambem a morte arrancal-o do gabinete. Decididamente o ministerio da guerra estava sendo insalubre. Fontes, porém, não tinha superstições, Lembraram-se do seu nome os seus collegas, e Fontes acceitou. Era já ministro da fazenda, continuou a sel-o, e a 9 de maio de 1866 foi nomeado ministro da guerra.

Os factos justificaram completamente as esperanças do exercito.

Apezar de um longo affastamento da fileira, Fontes tinha o gosto das coisas militares; folgava de dizer que tinha habitos de soldado; deleitava-se em ver passar os regimentos que elle mesmo organisára solidamente, e a lembrança dos seus primeiros combates enchia-o muitas vezes de legitimo orgulho. Absolutamente desprendido de vaidades, ufanava-se do seu singelo habito da Torre e Espada. Tinha o culto da disciplina e sabia mantel-a como sabia acceital-a.

É possivel que entrasse no ministerio da guerra, com o pensamento de occupar interinamente essa pasta emquanto não surgiu no parlamento

COSTUMES PORTUGUEZES—Procissão dos Taboleiros, em Thomar (desenho de J. R. Christino)

FONTES PEREIRA DE MELLO

XIV

Com o ministerio de 1865 surge um novo aspecto da physionomia de Fontes Pereira de Mello e um dos seus aspectos mais brilhantes.

Ministro da marinha, Fontes Pereira de Mello creára o admiravel organismo do corpo de marinheiros militares; ministro da fazenda, fundára, por assim dizer, o credito portuguez; ministro das obras publicas, inaugurára as redes de viação ordinaria e de viação accelerada, creára o ensino industrial e commercial; ministro do reino, estabelecêra em solidas bases a liberdade eleitoral, e organisára a administração superior de instrucção publica; ministro da guerra, ia dar ao exercito a instrucção militar e o armamento aperfeiçoado.

Fontes não entrou desde logo para a pasta da guerra; a pasta que lhe foi confiada foi a sua

Vinte annos depois, Fontes affrontava de novo uma superstição similhante, e, da mesma fórma que em 1866, entrava sem hesitar no gabinete onde tinham morrido dois dos seus antecessores, entrava nos fins de 1886 na casa onde morrêra pouco antes um chefe de partido. D'esta vez, porém, não foi igualmente feliz. A morte, como que irritada pela provocação, não saiu da funebre casa onde as suas garras se tinham cravado no corpo quasi diaphano de Anselmo Braamcamp.

Como se tinham lembrado para a pasta da guerra de Fontes, que era major de engenheria, mas que estava havia tanto tempo affastado das occupações militares, que se podia receiar que lhe estivessem sendo já completamente estranhos esses assumptos? Além das razões que se derivavam da larga competencia de Fontes em todas as questões a que applicasse o seu estudo, o seu nome adquirira um certo prestigio no exercito por causa de um magnifico discurso que pronunciára ácerca da nossa situação militar na sessão nocturna de 24 de julho de 1861.

um homem que podesse geril-a com exito. Mas captivou-o o enthusiasmo de reorganisar o exercito, que chegára então aos extremos limites da decadencia. O exercito saudou-o como um restaurador. Ficou, e de tal fórma se houve, que nunca mais entrou n'uma organisação ministerial, sem ir tomar conta da pasta da guerra.

A entrada de Fontes para o ministerio da guerra coincidiu com uma modificação ministerial. O gabinete da fusão organisára-se da seguinte fórma a 4 de setembro de 1865: Joaquim Antonio de Aguiar presidencia e reino, conde de Torres Novas guerra, visconde de Praia Grande de Macau, marinha, Barjona de Freitas justiça, Fontes fazenda, conde de Castro obras publicas, tendo sido supprimido o ministerio dos negocios estrangeiros, por um erro capital que é muito vulgar entre nós. Entende-se em Portugal que nos paizes pequenos o logar de ministro dos negocios estrangeiros é uma verdadeira sinecura. Entendo eu, pelo contrario, que o ministro dos negocios estrangeiros de uma nação como Por-

tugal precisa de ser muito mais habil e muito mais fino do que o da Russia ou o da Allemanha. Quando se podem fazer brotar do solo quatro milhões e meio de soldados, como ainda hontem nos dizia o telegrapho que o podia fazer a Russia, quando se tem prompto para entrar em fogo o immenso exercito allemão com os seus notabilissimos generaes e com a sua magnifica artilheria, não é muito difficil dirigir uma negociação. Difficil é dirigir, sem perigos, por entre os mil escolhos da diplomacia, a barca de uma nação como Portugal, com a rêde das questões coloniaes em que se acha envolvido e com a fragilidade dos seus recursos.

Fontes porém não quiz ser nunca ministro dos negocios estrangeiros. Dizia elle muitas vezes nas conversações de intimidade, que se não podia habituar á idéa de estar a discutir com um homem, cuja superioridade pessoal de modo nenhum reconhecia, mas diante de cuja força politica não poderia deixar de curvar-se, simplesmente por esse homem representar algumas das grandes potencias.

Mas emfim o ministerio dos negocios estrangeiros restabeleceu-se e tomou conta d'essa pasta o eminente estadista Casal Ribeiro. Para a pasta das obras publicas entrou um homem novo, um erudito, um orador notabilissimo e um homem de raro talento, Andrade Corvo. Finalmente a pasta do reino foi confiada a Martens Ferrão, que no ministerio do duque da Terceira gerira a pasta da justiça.

Se Antonio de Serpa se tivesse resolvido a entrar n'essa organisação ministerial, e tivesse substituido na pasta da marinha o visconde de Praia Grande de Macau, o ministerio de 1866-1868 podia-se gloriar de ter sido a expressão mais completa e mais brilhante do pensamento, da energia e da actividade do partido regenerador. Mas ainda assim que esplendida messe foi a d'esses brilhantes ceifadores: A abolição da pena de morte; a promulgação do Codigo Civil; a reforma das leis da imprensa n'um sentido largamente liberal; a reforma administrativa, que não póde ir por diante, mas cuja idéa ficou para sempre gravada no espirito da nossa legislação, como um ideal para o qual tenderam todas as reformas dos ministros subsequentes; a organisação das sociedades anonymas; a regulamentação emfim do credito; o desenvolvimento do principio da associação; o impulso dado á rede ferro-viaria portugueza pelo decretamento da construcção das linhas do Minho e Douro; a reorganisação do ministerio dos negocios estrangeiros que a revolta de 1 de janeiro destruiu, mas que era perfeitamente justa e a unica que podia corresponder ás necessidades do serviço, sendo muitas das suas idéas aproveitadas depois na reformas de Mendes Leal; o imposto de consumo que tambem foi derrubado pela anarchia triumphante, mas que depois se foi restabelecendo aos pedaços, sendo a sua revogação a causa primordial d'essa enorme confusão financeira, que entre 1867-1871 ia para sempre arruinando o nosso credito e as nossas condições economicas; a reorganisação do exercito transformado de corpo de policia em instrumento de guerra—eis a serie de importantissimas reformas, que assignalaram a passagem d'esse gabinete, presidido pelo grande vulto de Joaquim Antonio de Aguiar, que ficára sem pasta especial, porque os seus annos adiantados não lhe permittiam já um trabalho regular, mas que cobriu esse ministerio vigoroso, activo, cheio de energia e de nobres aspirações, com o manto glorioso da sua popularidade, e das tradições liberaes que andavam ligadas ao seu nome.

(Continúa.)

Pinheiro Chagas.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

DE COMO NÃO SATISFAZ ÁS NECESSIDADES POPULARES DEMONSTRAÇÃO:

(Continuado do n.º 304)

Tratâmos hoje n'este artigo com preferencia da *disciplina* escholar. Temos á vista um dos melhores livros que se conhecem; o qual, definindo a palavra *disciplina*, diz: «*instrucção, ensino, educação, ordem, etc.*»

Por aqui se vê que, sendo a *disciplina* tudo o que se acaba de lêr, a consequencia é que, não havendo *disciplina* nas escholas do municipio de Lisboa, não ha: —nem instrucção, nem ensino, nem educação, nem ordem, nem .... coisa nenhuma. É a este ponto que desejavamos chegar; e, por isso, ainda nos pareceu favor nosso, dizendo: «As escholas são fabricas de moagem, tudo—é moinhos.» Ainda lhes chamámos alguma coisa, quando, á vista do que acaba de ler-se—as escholas não são mais do que quantidades negativas ou sorvedouros de dinheiro sem fructo.

Assim é, porque a camara prohibiu nas escholas a manutenção da ordem, no conteúdo do artigo 37.º do seu regulamento, que ainda hoje repetimos: «—São expressamente prohibidos nas escholas os castigos corporaes.»

A camara, já se vê, prohibindo *expressamente os castigos corporaes*, prohibiu todos, que outros não ha, que nós saibamos. Para qualquer lado que nos voltemos é-nos impossivel intrinseco encontrar outros que não sejam *corporaes*.

Na eschola os castigos referem-se á humanidade infantil; e, sabendo todos nós que, segundo Genuense, Laromiguer, Joufroid e outros, o homem é formado de materia e espirito; prohibidos que sejam pela camara os castigos referentes ao physico, ao corpo ou á materia, só, por exclusão de partes, auctorisa os—*espirituaes*. Mas castigos espirituaes estremes é coisa que não existe, e apenas na imaginação da camara de Lisboa, puramente espiritualista. Logo, a camara, prohibindo todos os castigos, auctorisou a anarchia, ideia contraposta á disciplina. E quaes são os fructos da anarchia? Todos os podem suppôr.

Não exaggeramos; todos sabem e conhecem estas verdades. Os professores, tanto homens, ou senhoras, andam na mór parte emmagrecidos e macilentos; tudo devido á falta de disciplina escholar. Mas o que é mais curioso é que os taes discolos da eschola, os chamados praticamente—*granjolões*, os rebeldes e repassados de maldade contagiosa, todos se agastam porque os professores lhes fallam de maneira mais aspera, ás vezes; e respondem sempre com modos desabridos, inconvenientes e até ameaçadores, dizendo com o maior cynismo: «Póde fallar; mas, se bate no pulpito, meia folha de papel sellado é quanto me basta!» Isto é atroz e verdadeiramente nauseabundo! Á vista d'isto, os mestres lá continuam berrando, e lá se vão submettendo a tantas irreverencias por falta de respeito devido em todos os tempos aos educadores!!!

Desejavamos tambem saber se os taes *meninós*, em casa das familias respondem assim aos paes e ás mães? Não, por certo, que alli a atmosphera é outra; alli ha, quando se torna preciso:—*pontapé, bofetada, e cachação de... crear bicho.*

Que pena então que a Camara não possa formular tambem um regulamento para as familias não empregarem *castigos corporaes* nos *meninós!*

Não póde? Olá se póde. Assim como pode fazer um regulamento para as escholas, invadindo as attribuições do governo, como já demonstrámos; pela *mesma theoria* póde egualmente invadir as attribuições das familias: a logica ensina isto.

De modo que na eschola, aos *meninos de mytra* não se lhes podem applicar 3 ou 4 palmatoadas para os conter na ordem, evitando que, por sua ruindade contagiosa, prejudiquem a moralidade geral do ensino e corrompam os bons costumes de creanças bem educadas;—ao passo que, em casa das familias, levam pancadaria de moio, como diz o povo.

Bello contraste!

* * *

Pois bem. O que está dito, dito está; e quem duvidar, pouco lhe custa indo colher informações na pratica.

É de crêr, porém, que todos estes males se remedeiem, porque já retomou posse do seu logar o vereador effectivo, a quem sobejam illustração, bom criterio e probidade, a fim de que se reorganise o ensino, de modo a produzir os effeitos desejados, restabelecendo a disciplina escholar, alliando os interesses das escholas aos dos professores, e simplificando-lhes os trabalhos superfluos.

* * *

Pelo que respeita a horarios das escholas, achamol-os pesados. Tudo quanto fôr obrigar as creanças a entrarem para as aulas antes das 9 ou 9 e meia horas da manhã é forçar o ensino, desenganem-se!

O desdobramento de aulas (a que impropriamente chamam—*classes*), como está feito, não dá resultado satisfactorio, porque importa sacrificar as creanças do turno da manhã, e as do turno da tarde, ou melhor da noite, como acontece de hynverno, quando ás 5 horas já os tectos das casas nas aldeias fomegam para a ceia, e em Lisboa o ignifero começa de accender os candieiros municipaes.

Não se poupe no util e necessario: abram-se mais escholas parochiaes, que, bem inspeccionadas, dão, como sempre deram, optimos resultados, porquanto foi d'ellas que saíram grandes homens; uns que ainda vivem, outros que já falleceram.

A cidade paga bizarramente a quota da instrucção, auctorisada por lei, quando tenha a certeza de que são bem aproveitados os seus sacrificios.

* * *

Não somos contra a existencia de escholas de 4, 6 ou multi-professores, a que deram o nome de *escholas centraes*, não sabemos porquê; e nem mesmo o nome vem para o caso; mas tambem acceitamos as escholas da parochia. Vantagens e desvantagens, umas e outras as têem. Se a eschola parochial pecca pelo isolamento do mestre ou mestra, e poder mandriar; tambem nas centraes reinam os *dixemes dixemes*, mórmente do mulherio; e não sabemos qual dos males é o maior: se a mandriice isolada, se a intriguinha, o despeito, a malquerença entre os elementos de uma communidade.

Se o governo, como o póde fazer, nomear uma commissão de inquerito (de homens-professores, e que conheçam o ensino em todas as suas minucias), ás escholas do municipio ácerca do progresso real dos alumnos, que triste relatorio não receberá da commissão? Encontrará ella algumas excepções; mas na regra geral concluirá do cahos que vae por esse *Lisboa de ensino primario*, porque não ha disciplina!

* * *

Os professores da capital põem dó. Elles ganham, cada um, 400$000 rs., fóra os descontos legaes, lá isso é verdade; mas *amargam* bem o que recebem, pois que andam sempre como o lobo na serra, sempre á espera do peior; sempre a vêr que novas ordens emanarão *no hoje*, que os ponha a scismar.

Porque raro é o dia em que deixa de haver innovações, cuja vantagem real consiste em gastar-se muito papel, fazer-se muito movimento ostentoso para armar ao effeito.

As escholas precisam de ter uma escripturação, e ninguem contesta a sua indispensavel utilidade; mas deve de ser methodica, racional, simples e proveitosa. Tal não acontece, e de dia para dia apparecem novas exigencias para massacrar os mestres, tirando-lhes o tempo util do ensino para escreverem numeros em diversos papeluchos-mappas, contra-mappas, e tudo quanto humanamente se possa imaginar, no sentido de produzir—*o fervet opus!*

* * *

Se o governo mandar proceder a uma inspecção sanitaria ás escholas e aos respectivos mestres, concluirá que uma grande parte dos edificios escholares não têem condições atmosphericas para a accumulação de creanças, com que as vemos abarrotadas;—e, com relação aos professores, raro se encontrará um, que não tenha a larynge perdida, porquanto a profissão dos pedagogos actualmente não é ensinar; é berrar como possessos a fim de conterem o rapazio desenfreado, que não obedece á palavra mansa e grave, que se deve usar na eschola. Tudo isto é consequencia fatal da prohibição *absoluta* dos castigos corporaes.

Da boa inspecção, mas inspecção idonea, e não de campanario, é que tudo depende.

A inspecção idonea é a alma do ensino; e não deve limitar-se a entrar na aula, perguntando quantos alumnos frequentaram hoje, quantos ha em cada grupo, e outras questiunculas de *lana-prina*. A inspecção é assumpto mais alto: o inspector á eschola tem de ver e ouvir; mas, para ouvir e ver, é preciso que tenha ouvidos e olhos de mestre. Diz o adagio francez: «*Employez un voleur pour atraper un autre voleur.*»

O inspector não o póde ser qualquer funccionario de classe diversa, pois lhe falta a auctoridade moral e real do officio.

Dos inspectores actuaes ha um que tem auctoridade precisa, porquanto é professôr e director de um estabelecimento litterario, muito superior ás escholas primarias. Os demais, sendo aliás respeitabilissimos, como pessoas e como illustrações, são officiaes, não do ensino primario, mas de outro muito diverso—do exercito: todos elles capitães!

D'aqui se conclue que estão deslocados e deveriam voltar para o ensino da militança, onde prestavam bom serviço, pois que todos são muito intelligentes.

Agora, um capitão de cavallaria a inspeccionar as escholas primarias é, a nosso vêr, um contrasenso da camara de Lisboa, dando-lhes uma commissão, que destôa completamente da nobre farda, que envergam.

***

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XXXIII

Uma nova força?—Um novo cometa—Uma nova tubera e a tubera dos gulosos—O hydrogenio substituindo a dynamite nas minas—Animaes que gostam dos vapores do opio—A serradura de madeira substituindo os fios de linho e o algodão em rama—Novo processo de prateadura sobre vidro—Amputação voluntaria nos animaes.

Pendurando no sentido do seu eixo um cylindro ôco ou solido de marfim com 25 millimetros de comprimento e de 5 millimetros de diametro, pouco mais ou menos por um cabello ou um fio de seda simples, de modo que esteja ao abrigo de quaesquer movimentos do ar, e approximando d'este um outro cylindro simílhante ou um outro objecto mais delgado, um cabello, por exemplo, seguro na mão, e conservando-o afastado cerca de um millimetro, diz o sr. Thore, que o primeiro cylindro será animado do movimento de rotação, cujo sentido varía conforme o objecto estiver collocado á direita ou á esquerda.

A substancia dos dois cylindros não influe no movimento, mas a velocidade da rotação varia com os experimentadores e na mesma pessoa conforme os dias e as horas. O sr. Thore funda-se em experiencias para affirmar que esses phenomenos não são devidos á electricidade, mas a uma força não estudada até agora e inherente ao organismo humano, senão fôr á materia viva em geral.

Será pois a força psychica do dr. Crookes?

Em todo o caso bom é lembrar que ha animaes, como o *gymnoto* e o *torpedo*, que dão descargas electricas e que no homem se desenvolvem correntes electricas, como se prova applicando os dois pollegares em dois fios de um galvanometro. É possivel que seja o effeito da electricidade por influencia, e isto tanto é mais possivel, que a interposição de um alvo entre o corpo do experimentador e o cylindro suspenso,—na experiencia do sr. Thore, altera o movimento de rotação.

Cabe apontar aqui algumas experiencias faceis, que demonstram que todos os corpos são susceptiveis de desenvolverem electricidade. Dois discos, um de cortiça e outro de cautchú, premidos um contra o outro electrisam-se, ficando o primeiro com a electricidade positiva e o segundo com a negativa. Um disco de cortiça premido sobre uma laranja, traz comsigo uma grande quantidade de electricidade positiva, se o contacto é interrompido bruscamente.

O assucar cristallisado, quando se parte em logar escuro deixa ver uns clarões phosphorescentes. O mesmo succede com uma folha de mica cortada rapidamente nas mesmas condições. As acções chimicas, a pressão, o attrito e o calor desenvolvem electricidade.

—O astronomo E. Barnard, de Nashville, descobriu um cometa situado na região do Escorpio, comprendido entre as constellações da Balança e do Lobo.

No dia 12 de maio ás 12h 12m 8—tempo médio em Cambridge—a sua ascenção recta era de 15 horas, 10 m. 49 s. Os seus movimentos em ascenção recta e em distancia polar são respectivamente + 22′ — 31′ o que prova que se afasta da terra e que se dirige para o polo austral.

Ha cometas cuja distancia ao sol na *aphelia*, isto é, no ponto mais afastado da sua orbita, se calcula em 150 a 160:000 milhões de leguas. Alguns fazem a sua revolução em volta do sol em curto espaço de tempo, outros porém gastam milhares de annos n'esse movimento. O do anno de 1769 gasta 2:000 annos; o de 1811, 3:065 annos; o de 1680, 8:800 annos; o de 1780, 75:000 annos e o de 1844, 100:000 annos.

A velocidade média dos seus movimentos de translação é $^{1}/_{10}$ da velocidade da terra ou 100 vezes a de uma balla de artilheria. Esta velocidade augmenta quando passam na perihelia, isto é, quando estão proximos do sol, e diminue na aphelia a ponto de percorrerem apenas alguns metros por segundo.

A densidade d'estes astros é muito pequena. A do cometa de *Donati*, por exemplo, é de $^{1}/_{6}$ da densidade da agua com respeito ao seu nucleo ou ponto central mais brilhante; a nebulosidade é apenas $^{1}/_{6}$ da do ar.

—Eis uma descoberta que interessa não só a sciencia mas a gastronomia. O sr. Chatin analysando as tuberas fornecidas pela Champanha e pela Borgonha no outomno, antes de ter apparecido a tubera chamada do Perigord—*tuber melanosporum*—encontrou uma especie até aqui não conhecida a *tuber uncinatum*. Esta especie no sabor e perfume muito agradavel, assemelha-se muito á tubera do Perigord, e como esta cresce no terreno das vinhas, nos solos calcareos, sobre tudo nos terrenos jerassicos, e na proximidade dos castanheiros, carvalhos, avelleiras, pinheiros, etc.

Em Portugal ha tuberas nas Beiras, na Extremadura e no Alemtejo, onde as observou o dr. Brotero que constituiu um genero novo com a especie linneana, dando o nome de *tuber gulosorum* á especie tão apreciada pelos apreciadores de bons bocados.

—O hydrogenio obtido pela acção da agua acidulada com acido sulfurico sobre o zinco foi utilisado pelo sr. Kosmann, de Breslau, para cartuchos explosivos das minas e pedreiras. O cartucho compõe-se de um tubo de vidro dividido por estrangulamento em duas partes na razão de 1 para 4. A maior d'estas partes está cheia de agua e de acido sulfurico do commercio. O estrangulamento é fechado por uma rolha de cortiça e de caoutchouc. O mineiro introduz o cartucho no furo e enche os vasos com barro de modo a fechar todas as cavidades. Depois deita zinco finamente pulverisado na parte superior do tubo, mettendo-lhe uma haste de ferro que apoia sobre a rolha. Fecha-se então cuidadosamente o furo, ficando o cartucho encerrado, menos a haste de ferro. Querendo produzir a explosão, o mineiro bate na haste de ferro que enterra a rolha pondo em communicação o zinco e o acido diluido, desenvolvendo-se o hydrogenio.

Um cartucho de 18 centimetros de comprimento sobre 25 millimetros de diametro, contendo 50 centimetros cubicos de acido e 12 grammas de zinco produz mais de 3 metros cubicos de gaz na pressão normal. A compressão d'essa quantidade de gaz n'um volume de 90 centimetros determina no furo da mina uma pressão de 37:000 atmospheras!

—Ha gatos que procuram deitar-se com os donos emquanto estes fumam o opio. Com macacos e cães succede o mesmo. Estes animaes são ordinariamente tristes e melancolicos. Dormem mais que os outros animaes da sua especie e na physionomia apresentam o caracter do dono, fumador de opio.

Este meio é empregado pelos indigenas para amansar as pantheras e não é desconhecido, crêmos nós com muito bom fundamento, dos domadores de feras.

—A serradura de madeira despojada dos fragmentos pontudos e angulosos foi empregada pela dr. O. Thomaz como penso para as feridas. Impregnada de substancia medicamentosa antiseptica é usada secca ou humida. Essas substancias podem ser o *eucalyptol* e o *acido phenico* ou o *acido pyrolinhoso* e o *bichloreto de mercurio*.

Em caso de fractura a serradura serve não sómente para absorver os liquidos da chaga, mas para manter a immobilidade, servindo tambem de supporte á parte ferida que sobre ella repousa sem fadiga. Como se vê a serradura faz concorrencia ao algodão em rama e aos fios de linho.

—Eis um novo processo de prateadura para os espelhos, mas que póde muito bem servir para formar quaesquer desenhos sobre o vidro, havendo o cuidado de cobrir de cera o espaço, que se pertende perservar da prateadura.

O vidro deve ser bem limpo e collocado horisontalmente n'uma meza, n'uma casa cuja temperatura seja de 25.° a 30.° centigrados. Com a temperatura mais fraca o precipitado de prata leva mais tempo a depor-se. Para um metro quadrado fazem-se as seguintes dissoluções:

N.° 1—Agua distillada	1 litro
Tartrato duplo de soda e de potassa	10 grammas.

Põe-se o tartrato n'uma capsula de porcelana ou n'uma cassaroia esmaltada com $^{1}/_{4}$ de litro de agua; ajunta-se-lhe quasi 5 decigrammas de nitrato de prata; vae-se ajuntando o restante da agua até ferver a dissolução completa, e vasa-se para um frasco, filtrando.

N.° 2—Nitrato de prata fundido branco	5 grammas.
Ammoniaco puro	3 »
Agua distillada	1 litro.

Dissolve-se o nitrato de prata no ammoniaco, agitando com vareta de vidro até dissolução completa; ajunta-se-lhe depois a agua e guarda-se em frasco depois de filtrado o liquido.

No momento de servir misturam-se as dissoluções e molha-se o vidro por meio de um pedaço de pelle de camurça muito limpa com cerca de 20 centimetros cubicos de mistura,—lançando immediatamente o resto que se espalha uniforme sem verter pelos bordos do vidro.

Decorridos 40 minutos a prata tem-se precipitado sobre o vidro. Levanta-se este por uma ponta e enxuga-se com esponja e lava-se com agua pura. Colloca-se o vidro verticalmente e depois de secco passa-se-lhe uma camada de verniz.

—Dois interessantes artigos publicados na *Revue Scientifique* do sr. C. Richet, um do sr. L. Fredericq e outro do sr. A. Giard, tratam da autonomia da serie animal. Ha animaes que de motu proprio se mutilam ou antes scindem algumas das suas partes, como acto de defeza para melhor escaparem aos seus inimigos—*autonomia defensiva*—ou reduzem o seu volume por amputação voluntaria, em consequencia de se acharem em condições desfavoraveis sob o ponto de vista da alimentação ou ainda mesmo da respiração—*autonomia economica*.

É nos graus mais inferiores da escala animal que estes factos são mais frequentes. Como exemplo da autonomia economica podem apresentar-se os *synaptos*, *tubularios* e *phoromis*. O primeiro genero encontra-se frequente nos crustaceos e insectos. Algumas borboletas, por exemplo, abandonam as pernas com facilidade para fugirem. O caranguejo tendo quebrada uma das pinças, agita o troço até despegal-o.

João de Mendonça.

ORIGEM DO JORNALISMO EM PORTUGAL

(Continuado do n.° 302)

Durante o longo periodo que decorreu desde 1833 até hoje, e que se deram as convulsões politicas que acabamos de esboçar, as garantias individuaes foram por vezes suspensas e com ellas coartada a livre manifestação da imprensa periodica.

Tambem algumas leis se promulgaram, umas ampliando essa liberdade, outras restringindo-a aos mais estreitos limites.

D'umas e d'outras vamos fazer especial menção, porque ellas synthetisam as paixões que entre os partidos se agitaram n'esse longo cyclo de cincoenta e tantos annos.

1833—21 de novembro.

Nomeia uma commissão de exame e revisão dos escripos que teem de publicar-se pela imprensa com o fim de evitar os abusos da liberdade illimitada de escrever.

1834—7 de janeiro.

Participando á dita commissão que deve empregar a mais escrupulosa attenção para que não se permitta a publicação d'alguns escriptos que contenham palavras injuriosas e offensivas aos cidadãos nem contra as instituições do estado.

1834—22 de dezembro (C. de L.)

Regulando a liberdade de imprensa, lithographia e gravura, reprimindo o abuso d'essa liberdade e estabelecendo as penas e processos—*Antonio Barreto Ferraz de Miranda.*

1835—30 de abril (C. de L.)

Estabelecendo que a pronuncia por abuso de liberdade de imprensa só póde ficar completa antecedendo a declaração do jury, e que antes d'esta não tenha logar a prisão do reu e só sim a apprehensão dos exemplares. *Manuel Duarte Leitão.*

1836—9 e 16 de junho.

Para que se faça apprehensão dos exemplares dos periodicos que se achem expostos á venda já condemnados em alguns numeros por infracção manifesta da lei da liberdade de imprensa, visto n'esses ultimos dias alguns d'esses periodicos terem de-

fendido a causa do proscripto usurpador chegando ao ultimo extremo da imprudencia, espalhando noticias aterradoras e propagando doutrinas subversivas á ordem publica. *Antonio Dias de Oliveira.*

1837 — 10 de novembro (D.)

Modificando a lei de 22 de dezembro de 1834 e mandando que todo o periodico que se publique tenha *um editor responsavel* que seja cidadão portuguez, maior de 25 annos e seja livre na administração de sua pessoa e bens. Estabelece certas disposições a respeito do editor de qualquer periodico e para o que se julgue offendido por algum artigo publicado. *José Alexandre de Campos.*

1837 — 18 de dezembro (P.)

Para que se verifique se todos os periodicos que se publicam têem editor responsavel, com qualidades e garantias exigidas nos artigos 1.º e 2.º do decreto de 10 de novembro do referido anno.

1838 — 22 de março (P.)

No mesmo sentido da portaria antecedente.

1840 — 19 de outubro (C. de L.)

Declarando em parte derrogadas as leis de 22 de dezembro de 1834 e 10 de novembro de 1837 e marcando a restricção da liberdade de imprensa e certas disposições para os juizes e jury especial que devem conhecer de taes abonos.

(Continua)

PELOURINHO DE CINTRA (Desenho do natural por J. R. Christino)

RESENHA NOTICIOSA

Medalha de honra. A Sociedade Nacional de Animação ao Bem, de Paris, conferiu uma medalha de honra a sua magestade el-rei D. Luiz, pela sua traducção de Shakespeare.

Novos helices para navios a vapor. O sr. Pedro Rodrigues de Mello, brasileiro que veio viajar á Europa e se acha actualmente em Lisboa, inventou um novo modelo de helices de que fez experiencias em Paris e em Londres, e obteve os melhores resultados. O novo helice tem por fim augmentar a velocidade dos navios sem lhes alterar a sua fórma e construcção.

Conferencia na Sociedade de Geographia. Foi muito notavel a conferencia que, na Sociedade de Geographia realisou o sr. barão de Van Schwerin professor da real universidade de Lund, e commissionado pelo governo sueco de um estudo no Zaire e mais pontos da Africa Occidental portugueza, d'onde regressou ha pouco. A conferencia foi feita entre um numeroso e selecto auditorio, assistindo a elle o sr. ministro da Suecia que tomou logar á direita da presidencia, o consul geral e muitos estrangeiros. O ponto principal d'esta conferencia foi o Zaire, rectificação das denominações inglezas e portuguezas em diversos pontos, e encontro dos restos do padrão posto na foz do Zaire por Diogo Cão. Foi muito eloquente e muito justo referindo-se ás calumnias com que muitos tem querido destruir a gloria dos portuguezes como descubridores e primeiros exploradores do grande paiz Africano, e no meio do seu enthusiasmo teve periodos verdadeiramente brilhantes quando disse:

— «Destruam, aniquillem completamente os marcos miliares da grande estrada real dos portuguezes, que conduziu a civilisação ás Indias do sol nascente. Pouco importa que não reste o menor vestigio. Diogo, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama e tantos outros valentes levantaram á gloria eterna da sua patria um monumento *bien autrement durable que ces colonnes, um monumentum aere perennius* indestructivel que viverá por seculos de seculos, que viverá sempre. Nunca, nunca cahirá no esquecimento este caminho traçado nos fastos de honra da civilisação humana por um traço de ouro indelevel, este caminho que os heroes portuguezes abriram victoriosamente *«por mares nunca d'antes navegados.»*

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historia General de Filipinas *desde el descubrimiento de dichas islas hasta nuestros dias* por D. José Montero y Vidal. Tomo I Madrid, Imprenta y fundicion de Manuel Tello. Cheganos de Madrid este livro de que é auctor o sr. Montero y Vidal, distincto escriptor hespanhol, a que já nos temos referido n'esta secção dando noticia de outras obras com que nos tem brindado. A *Historia de Filipinas* de que tantos auctores antigos se tem occupado em Hespanha, não estava ainda feita sob o ponto de vista moderno, e o sr. Montero y Vidal soccorrendo-se d'esses auctores antigos, e investigando pelas bibliothecas publicas e particulares muitos manuscriptos esquecidos ou ignorados, conseguiu fazer a historia das Filippinas tão completa quanto o podem ser este genero de obras, no que prestou um bom serviço ás lettras e especialmente ao seu paiz, onde aliaz parece ser pouco conhecida a importancia e riqueza d'aquellas vastas possessões hespanholas em toda a sua grandeza, o que tambem não deixa de acontecer por cá com respeito ás nossas possessões. A obra do sr. Vidal não só vem affirmar os direitos da Hespanha sobre aquellas ilhas, direitos que ainda ha pouco a Allemanha parecia ignorar ao pertender apossar-se das ilhas Carolinas, como nos diz da sua importancia commercial, da sua civilisação, dos seus progressos e de tudo, emfim, que faz das Filipinas uma das mais importantes possessões da Hespanha.

O Instituto *revista scientifica e litteraria.* Volume XXXIV — junho de 1887, segunda serie — n.º 12. Coimbra imprensa da Universidade. Excellente periodico mensal cujo summario é: Faculdade de direito — projecto de reforma apresentado ao conselho da mesma faculdade pela commissão nomeada em 17 de junho de 1886; o christianismo, por Joaquim Maria Rodrigues de Brito; projecto da reforma da faculdade de mathematica, redigido pela commissão eleita em congregação de 29 de dezembro de 1886; Molluscos recolhidos na exploração botanico-zoologica, feita pelo sr. Adolpho Frederico Moller, nas bacias do Tejo e do Sado, por Augusto Nobre; Glossa, poesia, por Francisco Rodrigues Lobo; memoria historica do concelho de Reguengos de Monsaraz, por Pedro Manuel Nogueira; o pinheiro velho, por D. Antonio da Costa; um invento portuguez, e o Archivo dos Açores, por F. A. Rodrigues Gusmão, etc.

Regras e preceitos de hygiene *mais indispensaveis nas terras do Baixo Congo* etc., por Manuel Ferreira Ribeiro, medico-cirurgião, chefe da 2.ª secção da 1.ª repartição, no ministerio da marinha etc. Lallemant Fréres, imp. Lisboa, 1887. Um livro de utilidade incontestavel, um bom conselheiro para os que vão viver em Africa e muito especialmente no Baixo Congo, onde a saude é mais difficil de conservar por causa da pouca cultivação que por emquanto tem aquella região e ser muito humida e palustre. Deve-se este livro ao estudo infatigavel do sr. Manuel Ferreira Ribeiro, medico da armada e muito conhecedor das colonias africanas, o que lhe dá toda a authoridade sobre o assumpto. N'este livro não só se dão indicações geographicas do Baixo Congo, a melhor maneira de lá viver observando os preceitos hygienicos mais preventivos das enfermidades, mas tambem o tratamento que se deve empregar em casos de doença. Este livro representa, pois, um verdadeiro serviço colonial, dos mais importantes, porquê se é mister colonisar e fazer progredir a nossa Africa, não é menos importante o defender com a sciencia, a vida dos colonisadores.

Lições d'Analyse Grammatical e Logica *em prosa e verso para uso das aulas de instrucção primaria e secundaria* por Francisco José Monteiro Leite, Porto, livraria Minerva de Guilherme Clavel de Moraes & C.ª, editores, etc. É a terceira edição que se faz d'este livro, a qual é melhorada na parte que diz respeito á classificação das orações, conforme o ultimo programma de portuguez para os lyceus do reino, o que tudo declara o auctor no prefacio. A maneira porque este livro ensina é extremamente facil e pratica, sendo de uma clareza accessivel ao espirito menos prespicaz. Assim se explica a grande aceitação d'este livro que recommendamos ás escholas.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31 — Lisboa